

VICTOR HUGO FORJAZ - HISTORÍMETRO DO MISTÉRIO DO VULCÃO DOS CAPELINHOS, AÇORES

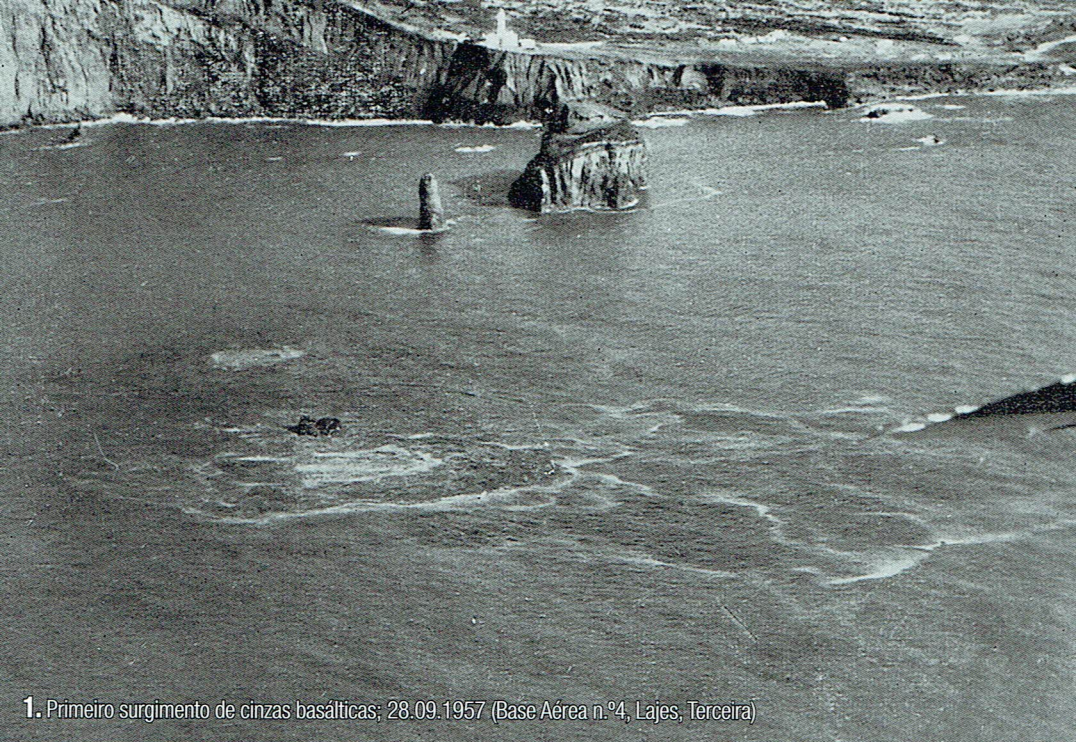


VICTOR HUGO FORJAZ* - HISTORÍMETRO DO MISTÉRIO DO VULCÃO DOS CAPELINHOS, AÇORES

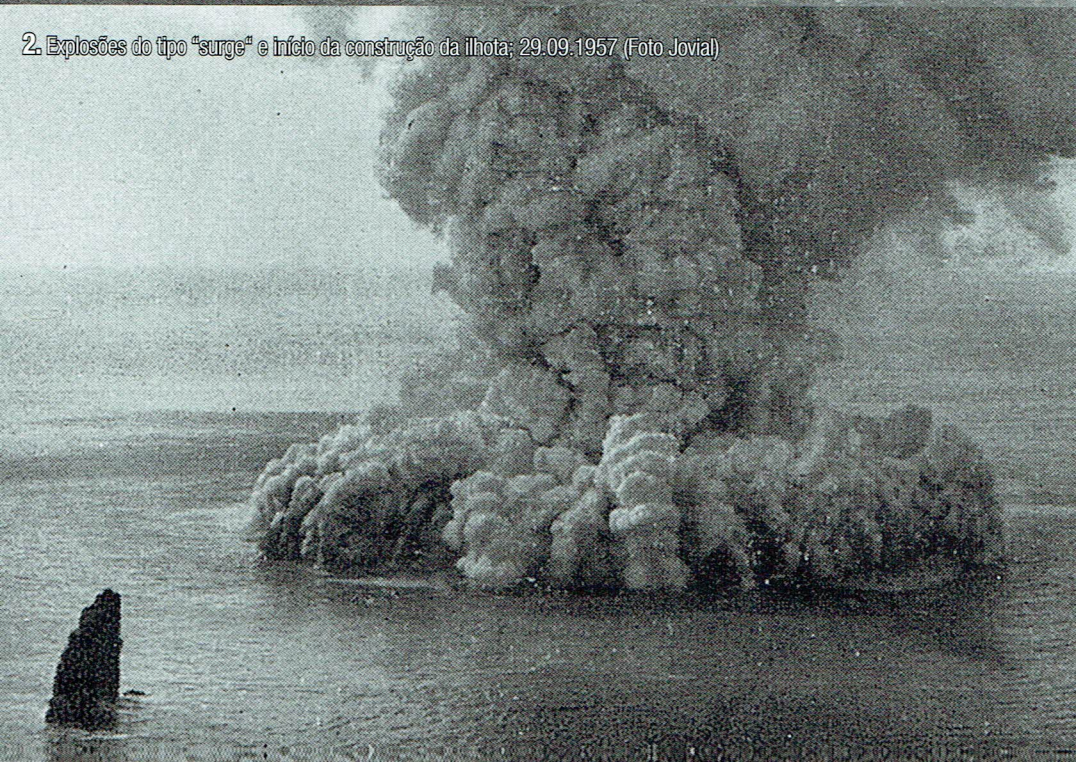
1- Todas as ilhas e bancos submarinos dos Açores são de origem vulcânica (incluindo St.^a Maria). A cadência vulcânica do Arquipélago (ou período de retorno) é da ordem de 3 eventos por século (no mar e em terra). Desde o povoamento encontram-se assinaladas cerca de 30 erupções, evidenciando-se a premonição de actividade sísmica e de alterações fumarólicas. A última erupção açoriana desenvolveu-se ao largo e a poente da ilha Terceira, no mar, e muitos vulcanólogos aceitam que se tratou de um invulgar modelo de actividade (serretyan type, 1998). As anteriores apareceram a sul dos Rosais de S. Jorge (1964) e a norte do Lajido do Pico (1963), ambas no mar e de curta duração. Porém a erupção que melhor projectou os Açores na moderna Vulcanologia e marcou a sociedade insular, nos últimos decénios, surgiu a escassas centenas de metros do conhecido Farol dos Capelinhos, na extremidade ocidental da ilha do Faial, referência de toda a navegação marítima e aérea do Atlântico Norte. Ao fenómeno antecederam-se "avisos" premonitores sísmicos e no dia 26 de Setembro de 1957, cerca das 7h da manhã, diversas falhas geológicas, essencialmente submarinas, romperam-se e permitiram o "parto" de um dos mais famosos eventos geológicos do mundo - o Vulcão dos Capelinhos (tema pater desta história) diariamente estudado, fotografado, filmado, sobrevoado, auscultado em terra e no oceano, medido e... "violado" por milhares de curiosos mas também por uma elite de requintados especialistas. Capelinhos ainda é considerado o único vulcão mundial "nascido" no mar e catapultado para terrestre, com farol, telefone, estrada e cientistas "privativos". Defacto Capelinhos, tornou-se o templo da vulcanologia insular, permitindo ensinamentos e descobertas sobre o evoluir das ilhas oceânicas que deliciaram e ainda deliciam o mundo das Ciências da Terra. E, no fim, ninguém morreu e todos ficaram felizes - enfim, um romance que heide publicar!

2- O borbulhar de fins de Setembro de 1957, detectado por vigias de cachalotes, alcandorados no Costado da Nau, um imponente edifício vulcânico idêntico e vizinho de Capelinhos, em breve se tranformou em impressionantes explosões de vapor, de cinzas anegradas, ora cipressóides ora desgastando-se em altíssimos jactos continuos. De onde em onde aconteciam imprevisíveis períodos de repouso e de lúgubre silêncio. A 1.^a ilhota, arredondada, migrou conforme a posição das fontes eruptivas; crescia e depois abatia, uma vez abrindo as entranhas para o farol, outras vezes escondendo-se para poente. Era instável, como uma adolescente e vulnerável às maresias mas chegou a levantar-se mais de uma centena de metros, águas fora. A 1.^a ilhota, ou ilha Nova ou ilha do Espírito Santo (conforme a Fé de cada um) sossobrou na noite de 29 para 30 de Out.^o de 1957. As gentes julgaram Capelinhos terminado, enterrado, mas enganaram-se. Voltou com mais fúria e formou 2.^a ilha. Seguiram-se, novos colapsos e nova ilha, a 3.^a e definitiva. Este cenário, que denomino de 1.^a fase submarina, terminou cerca do final da tarde de 16 de Dezembro de 1957.

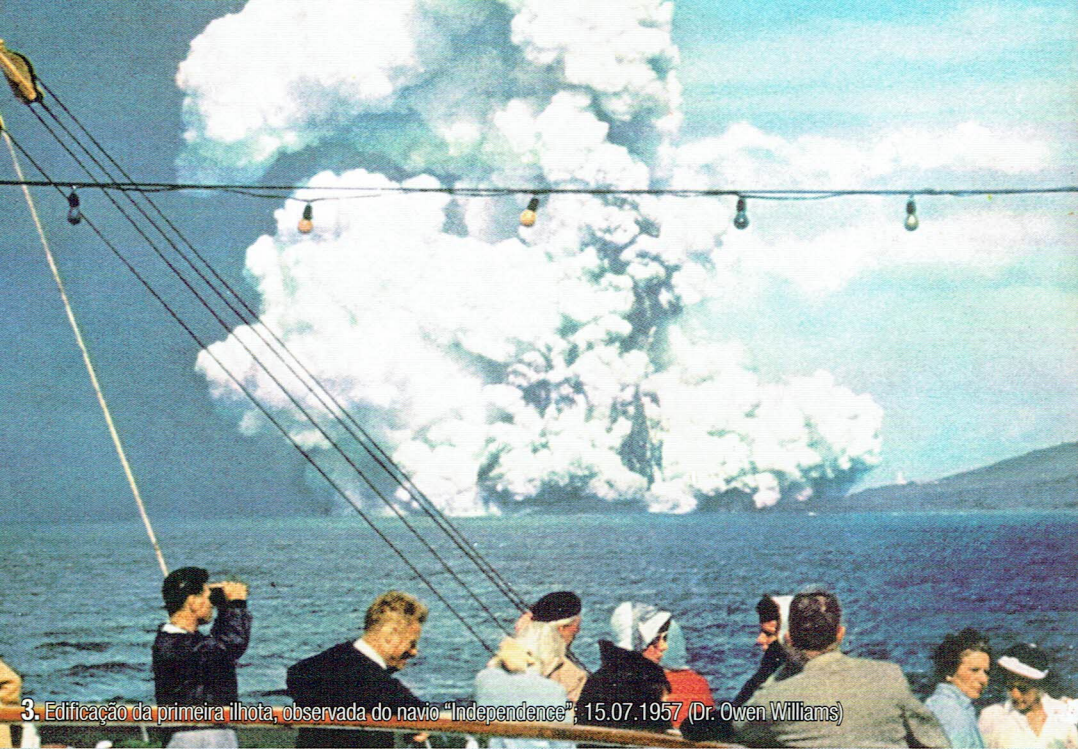
3- Seguiu-se a 1.^a fase subaérea ou terrestre, com emissões de piroclastos balísticos, ora alaranjados ora avermelhados e de pequenas escoadas incandescentes que corriam sobre as cinzas submarinas expostas. Era um espectáculo ora dantesco ora belo e pictórico. Mas o frenesim lávico foi curto. No dia 19 regressou a fase submarina, a 2.^a, com enormes jactos cipressóides de cinzas; algumas chegaram a S. Jorge e às Flores, arrastadas pelos ventos fortes. Em Abril de 1958, chegaram a coexistir actividades submarinas e terrestres, sintomatologia da dinâmica do vulcão. Na noite de 12 para 13 de Maio de 1958, Capelinhos (que estatisticamente deveria ter durado apenas 15 dias) revelou o que a Mãe Natureza, Peleia, verdadeiramente pretendia, ou seja, tornou-se definitivamente subaéreo, terrestre, com longa actividade stromboliana e um curto mas famoso lago de lava do estilo hawaiano. O resto da ilha também "sofreu"; forças hiperbáricas comprimiram a ilha (que em diversos locais subiu mais de 1,5m), terramotos destruíram centenas de habitações e até no fundo da Caldeira (formada há apenas 900 anos) rebentou uma erupção freatica, choque de águas em contacto com profundezas hipotérmicas. Em poucos dias tudo sossegou e Capelinhos voltou a parecer um fogareiro da Natureza - jactos incandescentes de piroclastos, rios de lavas alaranjadas que explodiam junto ao mar, gases azulados deambulando sobre terras recentes e quentes... Na tarde de 24 de Outubro, sem evidentes sinais de finados, Capelinhos deixou de estar activo e passou a vulcânicamente adormecido. Como num romance, Capelinhos ingressou, para o comum dos humanos, na história do já vistos; porém, para os cientistas, com o avançar das maresias e das erosões, Capelinhos tornou-se um novo santuário de observações, como as imprescindíveis aulas de dissecação anatómica. Para este historímetro seleccionaram-se imagens que pecam pela qualidade mas que exemplificam o que se fazia há mais de 5 décadas, quando eu tinha apenas 17 anos, sem pressas, ritualmente, espreitando-se o imprevisível. Assim me formei ...



1. Primeiro surgimento de cinzas basálticas; 28.09.1957 (Base Aérea n.º4, Lajes, Terceira)

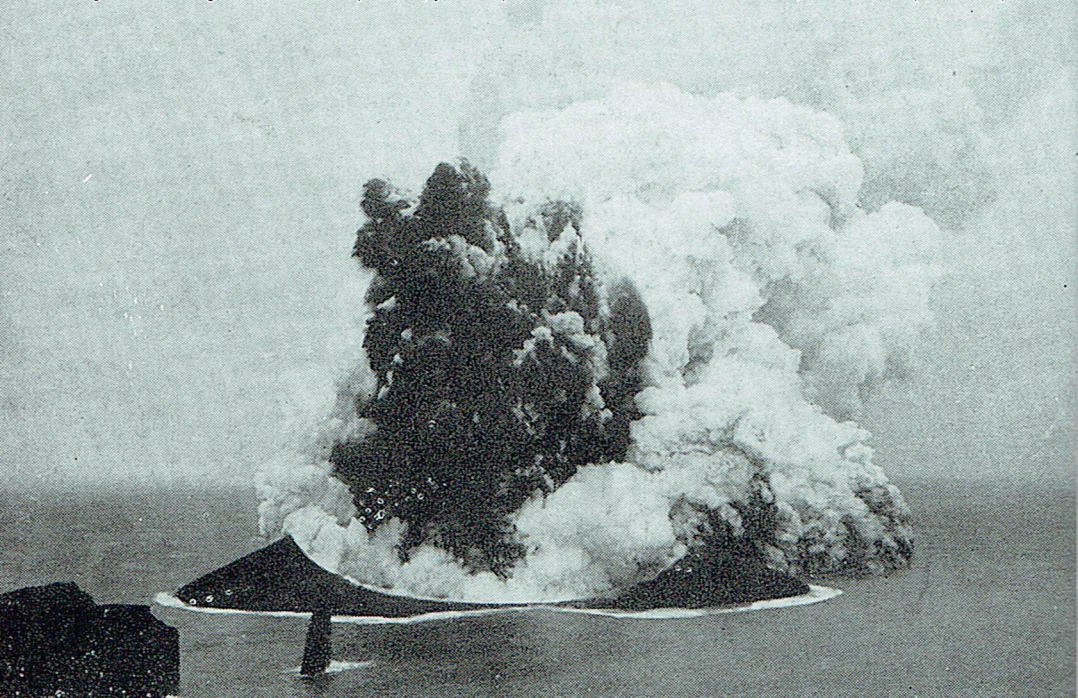


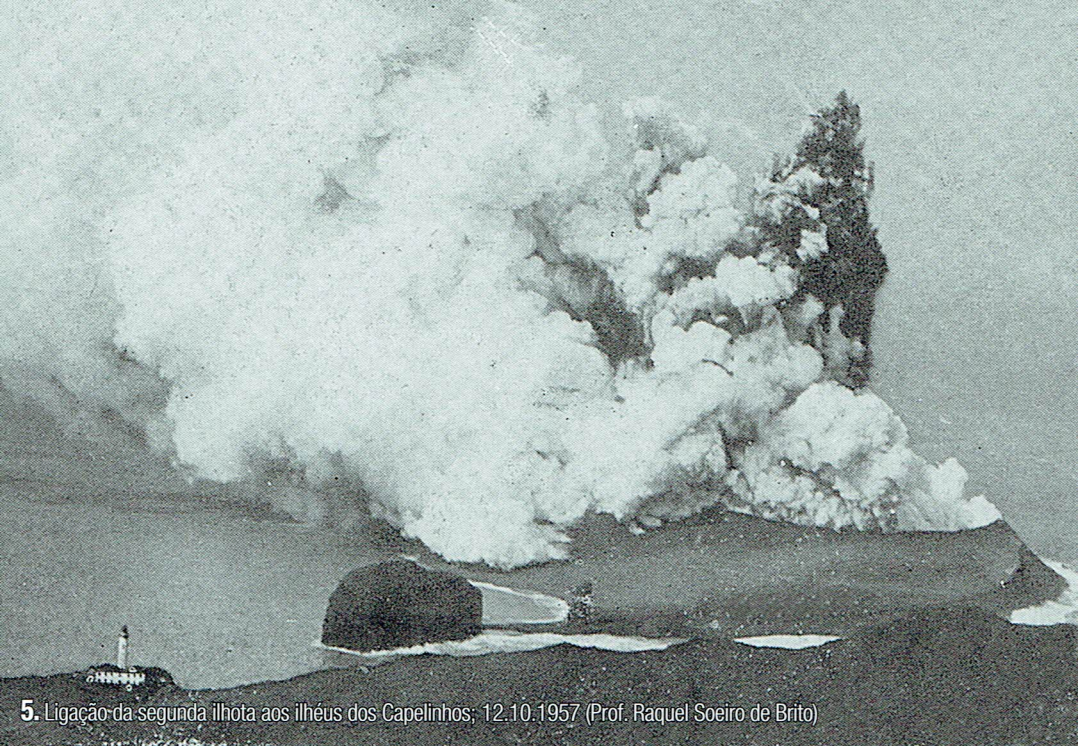
2. Explosões do tipo "surge" e início da construção da ilha; 29.09.1957 (Foto Jovial)



3. Edificação da primeira ilha, observada do navio "Independence"; 15.07.1957 (Dr. Owen Williams)

4. Resurgimento da segunda ilha de Capelinhos; jactos cipressóides e nuvens em "couve flor"; 02.10.1957 (Foto Jovial)





5. Ligação da segunda ilha aos ilhéus dos Capelinhos; 12.10.1957 (Prof. Raquel Soeiro de Brito)



6. Resurgimento da terceira ilha dos Capelinhos; 07.11.1957 (Robert Sisson)

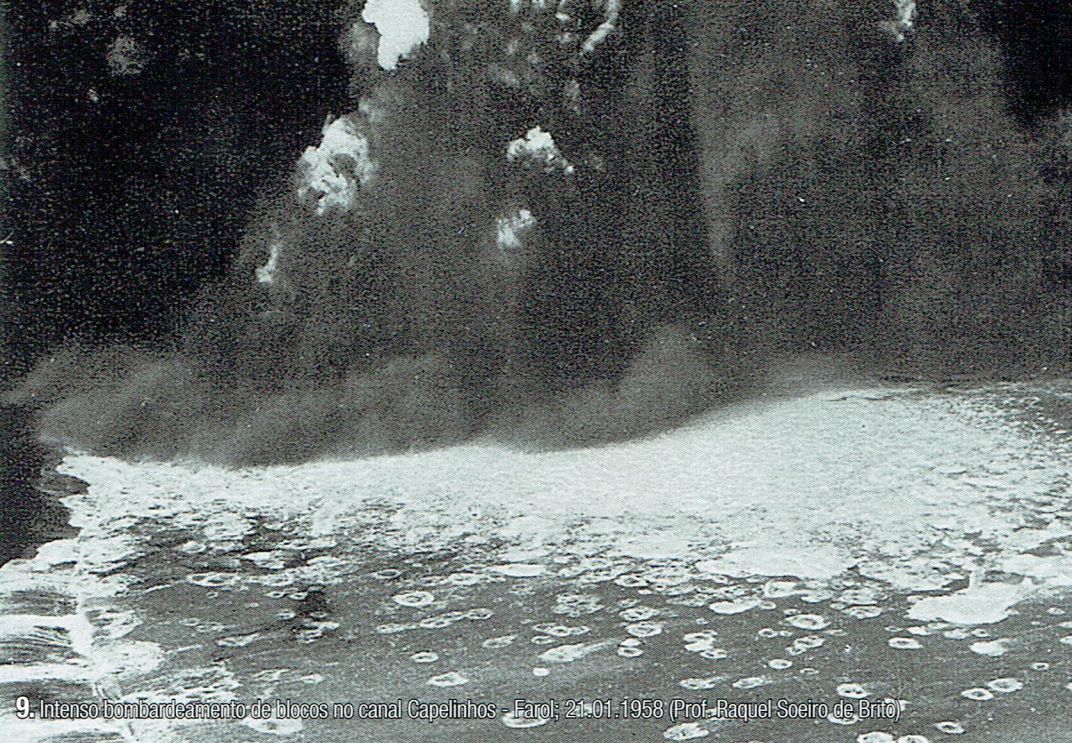


7. Primeiras emissões strombolianas, sobrepondo-se às cinzas submarinas; 18.12.1957 (Paiva Lima)



8. Explosões cipressóides e emissão de blocos arrancados das chaminés profundas;

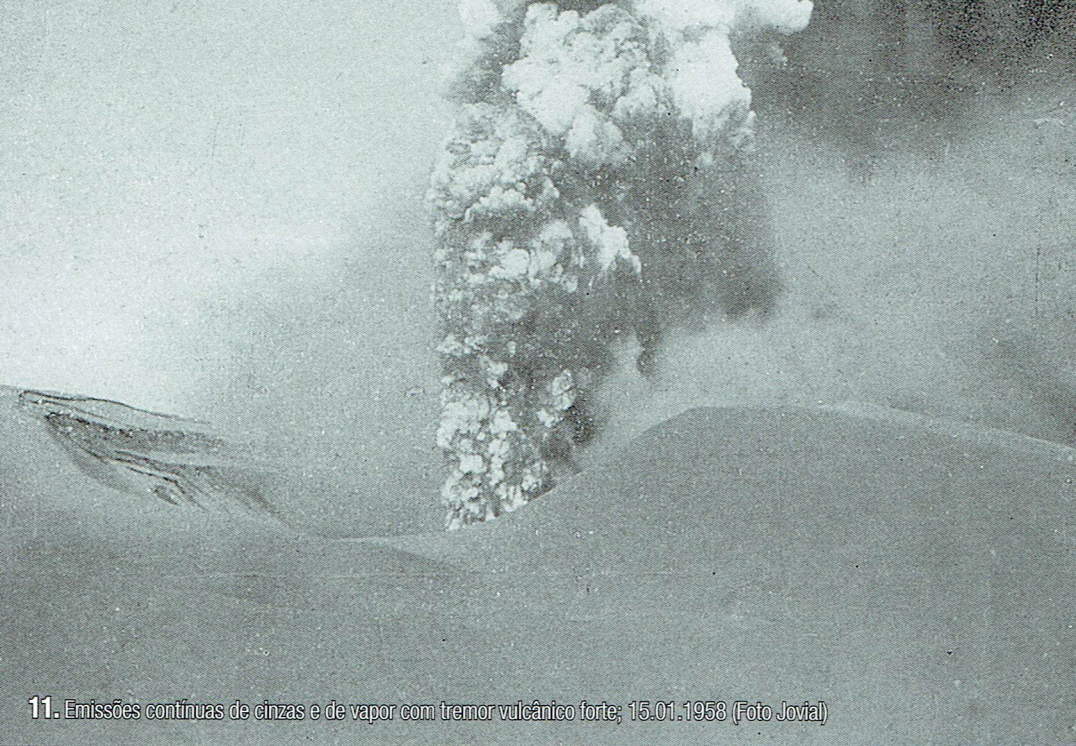
06.01.1958 (Prof. Raquel S. Brito)



9. Intenso bombardeamento de blocos no canal Capelinhos - Faro; 21-01-1958 (Prof. Raquel Soeiro de Brito)



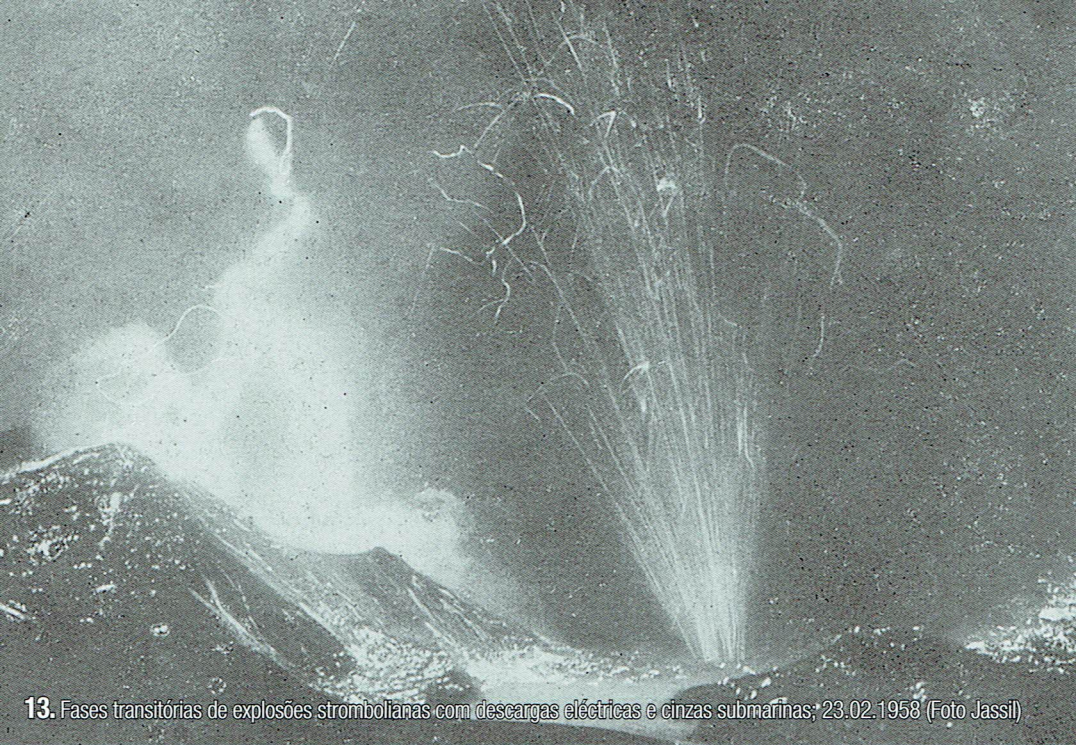
10. Excepcional aspecto do vórtice de sucção da chaminé (Ida Rebelo)



11. Emissões contínuas de cinzas e de vapor com tremor vulcânico forte; 15.01.1958 (Foto Jovial)



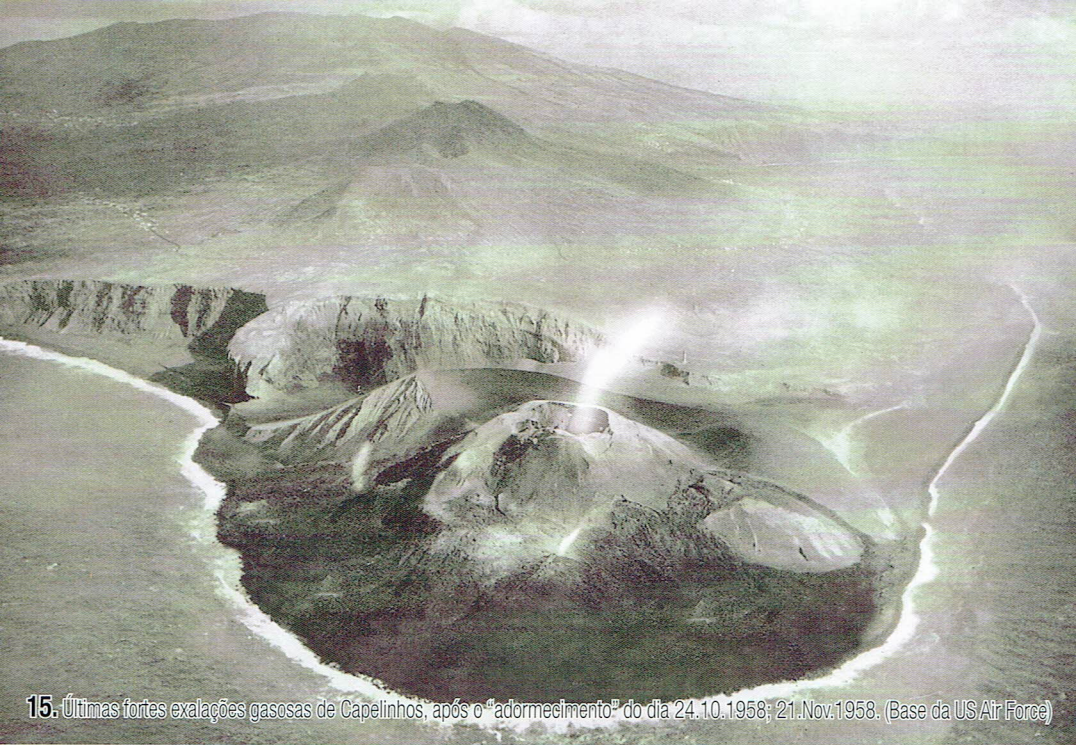
12. Colapso de coberturas e bombardeamento de blocos da zona do Farol dos Capelinhos, já desactivado; 15.02.1958 (F. J.)



13. Fases transitórias de explosões strombolianas com descargas eléctricas e cinzas submarinas; 23.02.1958 (Foto Jassil)



14. Enchimento do lago tipo hawaiano por esguichos de lavas basálticas; madrugada de 13.05.1958 (V. H. Forjaz)



15. Últimas fortes exalações gasosas de Capelinhos, após o “adormecimento” do dia 24.10.1958; 21.Nov.1958. (Base da US Air Force)

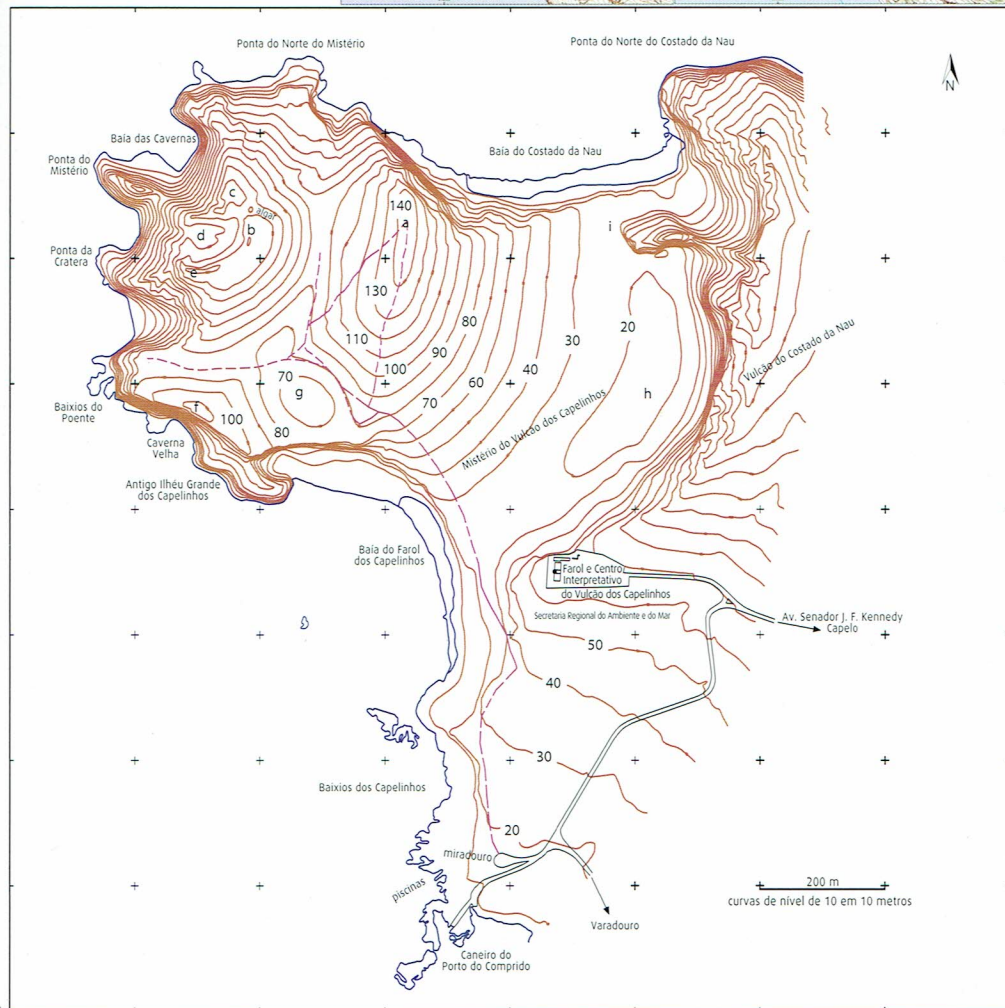
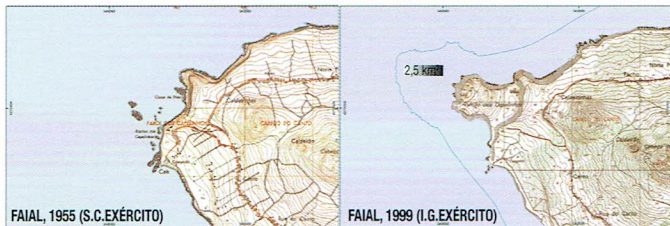


16. Paisagem de Capelinhos após cerca de 50 anos de intensa acção erosiva; Set.2007 (Helder Fraga)

CARTA TOPOGRÁFICA DO "MISTÉRIO DO VULCÃO DOS CAPELINHOS"[®] (PERCursos VULCANOLÓGICOS)

VICTOR HUGO FORJAZ, ZILDA T. M. FRANÇA E RICARDO LEMOS

JULHO-AGOSTO DE 2007



A - CABEÇO DO NORDESTE (145,96 M) **B** - CRATERA E FUMAROLAS DE 1958 (150,24 M) **C** - IDEM (148,93 M) **D** - CHAMINÉ (111,78 M)
E - BORDO SUL DA CRATERA (151,62 M; 38° 36' 59" N 28° 56' 00" W) **F** - CABEÇO DO SUDOESTE OU DO SUL (111,76 M) **G** - COVA NEGRA OU
COVA FUNDA (63,05 M) **H** - PANTANAL DO COSTADO DA NAU (15,60 M; 38° 35' 56" N 28° 49' 28" W).
(O ESPAÇAMENTO ENTRE + É DE 200 EM 200 M) - - - - - CAMINHO PEDESTRE



OBSERVATÓRIO
VULCANOLÓGICO
E GEOTÉRMICO
AÇORES

PUBLICAÇÃO N.º 49, 2011
Depósito legal n.º 331828/11

Impressão: Nova Gráfica; Montagem: Pedro Melo